

Miriam Alves plural

Teoria, ensaios críticos e depoimentos

7 APRESENTAÇÃO

PARTE I — FATORES

- 15 A presença de Miriam Alves no campo literário
brasileiro contemporâneo
Bruno Duarte Nascimento
- 48 “A liberdade de não ser”: um diálogo desterrado com
Miriam Alves
Raffaella Fernandez
- 72 Escritura feminina preta: quarenta anos de Miriam Alves
Selma Maria da Silva
- 86 “O ato de escrever é político”: a narrativa existencialista
desobediente e a solidariedade como ativismo na vida e
obra teórica de Miriam Alves
Sarah Okmer
- 100 Biografemas coletivos na literatura negra brasileira:
as escritas de Miriam Alves
Juliana Costa
- 111 Miriam Alves: nas dobras da escritura negra feminina
latino-americana
Cristian Sales

PARTE II — ODUSCIÊNCIA

- 153 Quando o vento nos impregna!
Assunção de Maria Sousa e Silva
- 175 Miriam Alves: uma escritora da “arte da vida”
Giovana Xavier

- 184 Ó Bará: nosso vento-destino nos trilha para
uma odusciência
Denise Carrascosa
- 194 Madres-vidas em *Bará: na trilha do vento*
Miriam Cristina dos Santos
- 210 Ao redor de *Maréia*: algumas notas sobre a ficção de
Miriam Alves
Fernanda Miranda
- 220 “Maria não é preta, é mãe de Jesus”: encenação do
racismo em contos de Miriam Alves
Franciane Conceição Silva (Francy Silva)

PARTE III — MULTÍPLICE

- 243 Zula Gibi e o “direito ao devaneio”
Hildália Fernandes Cunba Cordeiro
- 262 Por uma poli(poé)tica do corpo: o erótico na poesia
de Miriam Alves
Flávia Santos de Araújo
- 285 Quem sou eu e como passei a existir
Zula Gibi

PARTE IV — MISSIVAS

- 293 Carta a Miriam
Moema Parente Augel
- 311 Carta resposta a Moema
Miriam Alves

321 SOBRE OS AUTORES

325 LISTA DE OBRAS

Apresentação

Em 1978, nas escadarias do Theatro Municipal da cidade de São Paulo, surgiu o Movimento Negro Unificado (MNU), com os punhos erguidos e a intenção de jamais calar sobre o racismo de novo. “Eu sei:/ Surgiu um grito na multidão/ um estalo seco de revolta// Surgiu outro/ outro/ e/ outros/ aos poucos, amotinamos exigências/ querendo o resgate/ sobre nossa forçada/ miséria secular”, esses foram os versos de Miriam Alves oito anos após a manifestação desse dia. Considerado um marco temporal para a literatura negro-brasileira — conforme denominou o poeta Cuti —, 1978 foi o ano em que o pensamento coletivo acerca da escrita de autoria negra começou a se formar, conectando escritoras e escritores em um corpo cultural a um só tempo diverso e coeso. Inserida nesse movimento, Miriam Alves passa a elaborar as vivências e subjetividades negras brasileiras e a traduzi-las em seu fazer literário, cuja grandeza foi apequenada durante quarenta anos pelo racismo estrutural que ainda hoje é motivo de combate na literatura e na sociedade.

Nascida em 1952, escritora desde a infância, Miriam Alves foi publicada somente a partir de 1982 com poemas, contos e romances de reconhecimento internacional. No Brasil, sobre-

tudo no ambiente acadêmico, a literatura negro-brasileira se desenvolveu paralelamente a um cânone masculino, branco e classista, segundo o qual a escrita de Alves “tinha muita pele”, mas que agora parece enfim ser questionado no âmbito dos estudos literários. *Miriam Alves plural: teoria, ensaios críticos e depoimentos* surge para endossar o crescente reconhecimento da literatura negra e pavimentar o caminho para aqueles que desejam atravessar a trilha de pele, faca, luta, gritos, arte, amor e desejo que a poeta construiu ao longo desses quarenta anos.

Dividida em quatro partes, esta coletânea traz análises do contexto histórico e cultural que fez emergir a literatura desta filha de Iansã, bem como sua inserção na literatura negra, brasileira, latino-americana, feminista, e as características de sua obra tanto poética quanto em prosa. Na primeira parte, Bruno Duarte Nascimento sensibiliza os leitores para a exclusão de escritoras negras no panorama brasileiro e explicita quais foram os fatores que levaram Alves a se profissionalizar, ainda que não esperasse um espaço predeterminado para tal. Em entrevista à escritora, Raffaella Fernandez indaga a respeito da interferência da identidade de mulher negra na escrita, sobre o poder de cura da literatura e sobre a participação de Alves junto aos demais escritores negros no Quilombhoje Literatura, coletivo cultural à frente da edição dos *Cadernos Negros*, publicação responsável por dar visibilidade à literatura afronacional dentro e fora do país. Já o ensaio de Selma Maria chama a atenção para o fato de a poética negra feminina questionar e desmistificar os paradigmas da beleza universalizante, rompendo com a suposta imparcialidade da narrativa mestiça ao preenchê-la com *pretitude*.

Ao contar a experiência de ter conhecido a literatura paulista periférica por meio de Miriam Alves, a amiga Sarah Ohmer traz à tona o caráter político da poeta. Segundo Ohmer, o ativismo literário dos ensaios de Alves combate a opressão

e o silenciamento social imposto pela hegemonia branca ao mesmo tempo que possibilita ampliar a existência de pessoas negras dentro da literatura e do imaginário cultural nacional. Por meio de sua desobediência libertária, Miriam Alves enfrenta a estrutura vigente e a desumanização do povo negro que aquela quer incutir. E é essa rebeldia que causa inquietação nas leitoras e leitores, conforme aponta Juliana Costa. Ela escreve que, enquanto a teoria barthesiana de “morte do autor” vai de encontro com a decolonização proposta pela autoria negra, o conceito de “biografema” de Mikhail Bakhtin faz sentido para pensarmos o procedimento de ficcionalização de vidas negras que Miriam cria em sua prosa.

Finalizando a primeira parte, Cristian Sales se emaranha nas dobras da *escrevivência* — para se valer de Conceição Evaristo — intensa, transgressora e desviante do cânone de Miriam Alves em um ensaio não linear. Sales destaca trechos de poemas, contos, romances e da teoria da autora paulista para articular o argumento de que ela está sempre se reinventando e divergindo de quaisquer que sejam as normas.

A segunda parte da coletânea é dedicada aos romances *Bará: na trilha do vento e Maréia*, bem como à reunião de contos *Mulher mat(r)iz*. Assunção Maria Sousa e Silva envolve os leitores na ventania iansânica que também a invade ao ler Miriam Alves, realçando a necessária afirmação de que a literatura de Alves não se resume a narrativizar as mazelas da realidade da população negra brasileira, o que encarceraria os desejos e confirmaria a sua pressuposta subalternização. Pelo contrário, a literatura miriana problematiza e expande as possibilidades e, como o vento de Iansã, abala os paradigmas. É o que Giovana Xavier, por sua vez, chama de “vento de inovação”. Ao concentrar-se em Bará, protagonista do romance quase homônimo, Xavier mostra o modo como Alves cria novas defini-

ções do que é ser mulher negra, repleta de saberes ancestrais e da consciência de sua intelectualidade.

Na sequência, Denise Carrascosa contribui com um depoimento afetivo construído como uma gira, em que o tempo não é linear e mescla passado, presente e futuro, indo desde os tempos em que as duas se conheceram, passando por encontros que tiveram e pelo momento em que Alves escrevia *Bará: na trilha do vento*. Carrascosa sincroniza Miriam, Bará e a si, revelando a odusciência da intelectualidade e o poder das mulheres negras. Mirian Cristina dos Santos continua a rodar nesse sentido: retoma a ideia de bel hooks de que é preciso decolonizar o conceito proposto pelo pensamento branco hegemônico do que seria a figura do intelectual para que mulheres negras possam também figurar como tal, e ilumina os momentos em que Miriam Alves o faz no romance *Bará: na trilha do vento* ao criar uma personagem que não ocupa um lugar subalterno, mas sim o de matriz de uma história que possui ancestralidade e permanência.

Ainda nessa toada, Fernanda Miranda se utiliza da literatura comparada para analisar *Maréia*. A ensaísta insere Alves não só na tradição da literatura negro-brasileira feminina, iniciada por Maria Firmina dos Reis — e continuada por tantas, por exemplo, Carolina Maria de Jesus, Ruth Guimarães, Marilene Felinto —, como naquelas que nadam em águas afro-atlânticas, a matéria-prima de *Maréia*. O segundo bloco termina então com a análise que faz Franciane Conceição Silva (Francy Silva) das formas de representação do racismo na obra *Mulher mat(r)iz*. Focada no conto “Um só gole”, Silva se detém no percurso de libertação da personagem Maria, a qual, consciente de que seu sofrimento é fruto da violência racista, passa por uma transformação ao longo da trama.

O penúltimo bloco de *Miriam Alves plural* incorpora a lógica desviante da autora e não trata especificamente de sua